

O AMBIENTALISMO COMO FIM DA MODERNIDADE?

Héctor Ricardo Leis
UFSC

I. *Allegro Non Troppo*

Pelo menos uma coisa fica clara no debate sobre o moderno e a modernidade: não é possível justificar nossos discursos sobre o tema a partir de uma única idéia ou experiência. De fato, a modernidade se apresenta, para o observador sem preconceitos, como uma conjunção de múltiplas idéias e experiências, as quais nunca se consolidam ou permanecem muito tempo porque se superpõem e sucedem a ritmo febril. Seguindo a Baudelaire, o “moderno” é fugaz. Esta fugacidade constitui sua essência e sua complexidade.

A promessa da modernidade é estonteante: ser moderno significa a procura constante do novo, do diferente. Ser moderno é viajar sempre de “ida” e não aceitar fronteiras de etnias, classes ou nacionalidades. Por isso a modernidade se transformou em uma bandeira capaz de atrair e de unir a todos. Mas, se a modernidade, como indicam Berman e Marx, “desmancha tudo o que é sólido”, isto quer dizer que sua audácia tem riscos. A modernidade que une a humanidade é a mesma que a desune e fragmenta.

A febril procura do novo caracteriza então a um projeto que, na história, faz do progresso e das vanguardas, mas também das crises (os holocaustos e as catástrofes), sua marca registrada. Por isso a modernidade supõe uma experimentação sem limites, uma expansão infinita da ciência e da técnica, uma pretensão de dominar a sociedade e a natureza a qualquer custo. *Mas se o século XIX foi a grande festa da modernidade, o século XX é sua ressaca.* A rigor, as experiências do século XIX foram uma festa porque a

modernidade era jovem e suas experiências ainda eram em pequena escala, tanto em seus fragmentos como nas suas totalidades, em seus avanços como em seus retrocessos. Mas se juntamos o holocausto dos judeus pela Alemanha (uma nação moderna), o lançamento de duas bombas atômicas sobre população civil japonesa pelos Estados Unidos (outra nação moderna), a duplicação da população mundial nos últimos 50 anos, a rede eletrônica Internet e a desordem ecológica da biosfera (entre outros exemplos), começamos a perceber que a segunda metade do século XX anuncia a globalização e massificação dos progressos e das catástrofes, na genialidade e da imbecilidade da humanidade. Corresponde fazer-nos então a seguinte pergunta: é possível continuar sendo modernos num mundo do fim do século XX?

O advento do paradigma ecologista acontece na segunda metade do século XIX, portanto, em pleno reinado do positivismo reducionista das disciplinas científicas modernas. Mas a evolução da ecologia é atípica porque consegue ser holística e reducionista, científica e metafísica, simultaneamente. Sua preocupação vai desde as relações de um organismo e seu meio ambiente até a biosfera e o planeta, incluindo as atividades humanas. A ecologia supõe que a mente, a sociedade, a natureza e o universo têm basicamente os mesmos pressupostos. Mas que as mesmas leis governem a sociedade e a natureza não significa, obviamente, transformar a biologia na ciência da história, senão apenas afirmar que existem limites e possibilidades biológicas concretas para a ação dos atores sociais. Assim como a vida do planeta está sujeita às condições dadas pela evolução do cosmos, também a dinâmica socio-cultural do homem tem condições fixadas biologicamente. Isto não supõe nenhum privilégio reducionista porque cada nível cria suas próprias "regras do jogo" dentro das condições dadas, as quais são singulares e impossíveis de prever a partir do contexto

mais amplo (igual que, viceversa, também não se pode predizer o comportamento do todo a partir da soma de suas partes).

Segundo a ecologia humana, não podemos considerar a sociedade do mesmo modo que um sistema natural (a exemplo de uma célula ou um átomo), ou que um sistema exclusivamente artificial (a exemplo de uma máquina). A sociedade é o resultado da ação humana em um meio articulado tanto no social e cultural, quanto no físico e biológico. Neste sentido, podemos dizer se produz a si mesma “heteronomamente”. A organização social não é reduzível às características de suas partes porque sua evolução e flutuações se estabelecem como uma dinâmica auto-regulável do conjunto, o qual depende de propriedades e comportamentos emergentes (espontaneamente) na interação de todos os seus elementos. A partir de uma perspectiva ecologista a evolução da humanidade está sujeita a diversas alternativas, a avanços e retrocessos. Mas, por sua vez, isto não significa que a história deva ser interpretada como uma seqüência de fatos e experiências onde qualquer experiência é “modernamente” possível. Talvez, no curto prazo, seja difícil perceber os fatos históricos de outra forma mas, em uma perspectiva mais ampla, podemos registrar alguns padrões básicos do desenvolvimento humano na densa rede de interações que existem entre a sociedade e a natureza.

A sociedade não permanece estável quando se intensificam seus fluxos de pessoas, informação, energia e mercadorias. Embora, correndo o risco de cair em simplificações, parece-nos evidente que as organizações tribais da Idade da Pedra eram menos complexas (com muito menor capacidade de interagir entre si e com seu meio ambiente) que as sociedades contemporâneas. Aproximadamente durante dois milhões de anos, os ancestrais do *homo sapiens* viveram da caça e da pesca, sem provocar nem sofrer grandes transformações. Foi apenas há uns poucos milênios atrás que o cultivo de grãos e a domesticação de animais permitiu o assentamento de populações, até então nômades, e o surgimento

de centros urbanos. Esse foi o começo de uma vida social e cultural complexa, acompanhada por uma produção constante e acelerada de conhecimentos, tecnologias, valores, instituições e cultura, em geral.

O processo tecnológico é um eixo fundamental e permanente de transformação, mas não o único. Não se discute o papel da revolução agrícola, iniciada há cerca de 9.000 anos, no entanto, a dinâmica histórica das sociedades complexas, que surgem em torno desta data, não pode apenas ser pensada como um produto acumulativo dos avanços tecnológicos. As sociedades complexas dependem em grande medida do modelo civilizatório ou supersistema cultural que os seres humanos adotam (consciente e inconscientemente) para relacionar-se com a sociedade e a natureza. Por isso, para compreender as origens e fins da modernidade a primeira coisa a fazer é "sair" de seu horizonte épocal, para evitar, na medida do possível, as ("incestuosas") interpretações modernistas da história.

II. *Adagio Non Troppo*

Segundo o historiador e ecologista Toynbee, as grandes transformações civilizatórias operam de acordo com um modelo de "desafio-resposta". Um desafio ambiental ou social provoca uma resposta criativa que induz a uma sociedade definir uma nova corrente civilizatória. A história continua até que a resposta inicial leve a sociedade para além do equilíbrio, colocando-se então um novo desafio a ser respondido. Deste modo, a dinâmica do "desafio-resposta" produz um desenvolvimento civilizatório que pode associar-se com a idéia de ritmos ou ciclos fundamentais (lembramos que tanto os antigos filósofos chineses interpretavam o mundo pela interação do *yin* e o *yang*, como no ocidente, os mais importantes filósofos pré-socráticos falaram do fluxo e refluxo de

forças complementares. Interessa-nos então destacar que os padrões de evolução histórica descritos por Toynbee são especialmente aptos para abordar a modernidade.

Não há dúvida que a possibilidade de atribuir a causa dos prejuízos da história contemporânea à sobrevivência de supostas características reacionárias da pré-modernidade, está esgotada. Os benefícios e prejuízos do mundo de hoje estão claramente ancorados nos aspectos da própria modernidade. As revoluções na ciência, na indústria e na política são elementos centrais da modernidade que contribuíram decisivamente para tensionar o ser humano entre visões e comportamentos simultaneamente fragmentados e totalizantes no mundo.

Resulta paradoxal que o aumento de todo tipo de tensões e contradições tenha sido recebido em entusiasmo. O progressismo do século XIX levou a Hegel, por exemplo, a imaginar que estava acontecendo o “fim da história”. Parece-nos, pelo menos, dogmática esta pretensão (a pouco tempo vulgarizada por um aprendiz de filósofo) de “congelar” a história, a partir de uma visão epocal do presente. Mas reconhecemos, de qualquer modo, que existe algo a ser resgatado desta arrogância decimonônica. Recorremos assim à categoria de “período axial”, a qual supõe a presença de certos fenômenos com capacidade para produzir transformações civilizatórias globais (mas que não significam, obviamente, o fim da história). Como se sabe, situa-se usualmente em torno dos 600 e 400 a.C. o mais importante período axial já comprovado. Confúcio e Lao-Tzu estavam na China; na Índia aparecia Buda e se escreviam os Upanishidas; no Irã estava Zarathustra; na Palestina os profetas; e na Grécia apareciam Parmênides e Heráclito, entre outros filósofos. Quase simultaneamente, nas mais importantes regiões do mundo (e sem que numas se conhecesse o que se fazia nas outras) os seres humanos se perguntavam pelas mesmas coisas de uma maneira radical, e percebiam a dimensão universal do sagrado. Jaspers

aponta que nesta época foram definidas as experiências espirituais fundamentais que guiam a humanidade até hoje.

A hipótese que levantamos, de um novo período axial que a humanidade estaria processando na modernidade, não se situa precisamente na dimensão espiritual. A modernidade é um processo complexo, que se expressa em todos os planos, desde a ideologia, arte e a ciência, até a economia e a política. Mas é um processo mais próximo da máquina do que da alma, da matéria que do espírito. A rigor, está presente em eventos como na Semana de Arte Moderna de São Paulo, mas realmente se torna inteligível e se populariza através de eventos como as grandes “feiras mundiais” da burguesia. Estas exposições estão associadas à origem da modernidade e foram a autêntica encarnação de seu projeto. Vale a pena lembrá-las. Elas datam do século XVIII, mas a primeira de caráter internacional foi a Feira Mundial de Londres de 1851. A esta logo seguiram outras, em vários países, até completarem um total de 28. A última e mais representativa foi a gigantesca exposição de Nova Iorque (1939-40) que, em meio a um mundo conturbado pelas ameaças da Segunda Guerra Mundial, colocou-se sob o otimista e sugestivo lema de “O Mundo de Amanhã”.

Se a numerosa presença de pessoas e de organizações governamentais e não-governamentais, nos encontros de cúpula internacionais dos últimos anos (como o *Earth Summit* de Rio-92 ou o mais recente *Social Summit* de Copenhague-95), parecem-nos expressivos da globalização da sociedade contemporânea, que dizer então da realização de 122 congressos internacionais e dos 39.000.000 de visitantes da Feira Mundial de Paris — 1900 ou dos 100.000 expositores e 45.000.000 de visitantes da Feira de Nova Iorque. Apesar do horror da Segunda Guerra Mundial haver desencadeado durante esta última exposição, seus organizadores não tinham motivo para deixar de ser otimistas. Eles perceberam corretamente que o futuro, o “mundo de amanhã”, estava no

mercado e na tecnologia, e a guerra não era contra, mas a favor deles. Embora não pretendemos confundir os planos, acreditamos que a modernização é a essência da modernidade. O progresso, a procura desenfreada do novo, sem limites ambientais, sociais ou culturais para sua realização, encontram na expansão global do mercado, da ciência e da tecnologia, seus melhores instrumentos. O mercado global é a "maior" utopia moderna. Talvez a modernidade tenha deixado muitos projetos inacabados, mas a racionalização instrumental do mundo (que está implícita na existência do mercado global) nos parece uma tarefa quase concluída. O mercado é a verdadeira base de todos os impulsos modernistas-progressistas (incluindo os artísticos e culturais).

Mas o otimismo frente ao movimento das forças no mercado é da mesma espécie que as expectativas de Fausto com as promessas de Mefistófeles. O mercado introduz a humanidade em um futuro incerto (o que não é desnecessariamente indesejável), mas também altamente perigoso. *Nossa hipótese é que o surgimento do ambientalismo, entendido como uma possibilidade antropocêntrica como consciência dos limites ecológicos para a expansão da economia e como ação dirigida à construção de um governo mundial para uma sociedade sustentável, não depende nem deriva da experiência moderna senão de visões e práticas que sem ser anti-modernas também não são modernas.* A rigor, a história das idéias e dos movimentos sociais e políticos ambientalistas se apresentam como uma reação contra os valores e práticas predominantes nos processos de modernização.

As feiras mundiais anunciaram a vinda da universalização da experiência moderna, entendida como uma aventura humana sem limites no plano material, assim como os séculos VI a IV a.C. anunciaram a vinda da universalização de experiência espiritual, entendida igualmente como aventura humana sem limites. Como se fossem sístole e diástole, ambos momentos devem ser compreendidos em seu contraste e complementação. O segredo do ambientalismo reside, precisamente, em sua capacidade para

auscultar os mistérios do coração humano ou, em outras palavras, em sua ancoragem nas profundidades do mundo-da-vida (a categoria de *Lebenswelt* de Habermas).

A “revolução ambiental” pretendida pelo ambientalismo supõe uma importante redefinição de nossa civilização. Mas não devemos interpretar esta redefinição como a emergência de uma novidade (na mesma linha das revoluções industrial ou francesa), senão como um momento de transição e aproximação entre duas radicalidades ou paradigmas polarizados. A hipótese central deste ensaio postula que o amplo espectro de teorias e práticas do meio ambiente existentes no cenário internacional conformam um projeto que, expressado em linguagem política, poderia ser caracterizado como “realista-utópico” ou “moderno-conservador”. Isto quer dizer que ele se realiza da aproximação e harmonização das experiências espiritual e material (e, talvez, na imposição mútua de limites à aventura humana de uma dimensão pela outra).

Acreditamos que o ambientalismo é o único movimento, entre todos surgidos na modernidade, que conseguiu nascer e crescer sincreticamente nesses dois mundos da matéria e do espírito. *A potencialidade do ambientalismo reside na sua capacidade singular para produzir um encontro entre Dalai Lama, o presidente da General Motors, e Madonna, para tratar de melhorar o estado do planeta.* Isto, que obviamente não era possível nos tempos de Buda nem na época das feiras mundiais de Londres, Paris ou Nova Iorque, é sem dúvida a possibilidade mais auspiciosa de nossos dias.

III. Allegretto Grazioso

Repetindo: o ambientalismo é realista-utópico ou moderno-conservador, porque seu projeto define um horizonte sincrético de

harmonização, cooperação, complementação e equilíbrio entre as diferenças, e não de luta, competição, separação ou desequilíbrio entre as mesmas. Na primeira metade do século XX, pensadores como Spengler, Toynbee, Berdiaef, Northrop, Schweitzer, Sorokin e outros abandonaram a perspectiva "progressista" da história e concentraram sua atenção sobre os constantes e repetidos aspectos das transformações históricas e, em especial, a periodicidade dos processos. Não interessa aqui discutir a validade dos modelos cíclicos da história. Acreditamos que qualquer filosofia da história, seja linear ou cíclica, mais cedo ou mais tarde, acaba impondo à experiência humana um determinismo que a nega como processo criativo. Mas sim, interessa registrar a reflexão de Sorokin, em relação à notável concordância desses pensadores sobre as características contrastantes que as civilizações apresentam em diversas fases de seu desenvolvimento.

Neste sentido, o pensador russo nos chama a atenção para o fato de que, em um determinado momento, as civilizações desenvolvem uma fundamentação intuitiva para quase todos seus valores, predominando entre estes, aqueles que são religiosos, espirituais ou éticos (Sorokin denomina "ideativo" a este supersistema cultural, do qual a Idade Média ocidental é um bom exemplo). Pelo contrário, em outro momento histórico, as mesmas civilizações se caracterizam pelo secularismo, materialismo, empirismo, hedonismo, cientificismo e, conseqüentemente, pela decadência da religiosidade e da intuição (este supersistema cultural é chamado de "sensível", sendo a Idade Moderna ocidental, especialmente dos séculos XVII a XIX, um claro exemplo de sua vigência). Do mesmo modo, existe outra fase civilizatória, que se expressa como um estágio intermediário (chamado "idealista"), que admite que a verdadeira realidade é uma infinita multiplicidade, em parte sensível, em parte ideativa. Na visão do Sorokin estes últimos períodos tendem a integrar "sincreticamente" as mais elevadas expressões dos outros

sistemas, produzindo um equilíbrio e plena realização em arte, filosofia, ciência e tecnologia. Exemplos de tais períodos são a Grécia Antiga, a Renascença européia e (acrescentemos por nossa própria conta, para demonstrar que não somos “ocidentalistas”) a Espanha dos Mouros.

A riqueza e diversidade de elementos que aparecem na evolução de uma mesma civilização nos leva a relativizar o valor das tendências dominantes em cada momento histórico e a dar maior importância aos movimentos e fatores que apontam para uma síntese e/ou combinação de padrões culturais contrapostos. A história do ambientalismo compreende de fato uma diversidade de atores governamentais e não-governamentais, com componentes e articulações tanto em setores econômicos e sociais como em científicos e religiosos. Do mesmo modo, encontramos teorias ambientalistas com raízes em todas as expressões do pensamento político contemporâneo, incluindo tanto visões anarquistas e religiosas, autoritárias e democráticas, como liberais, socialistas e conservadoras. Interpretamos esta multiplicidade de teorias e práticas do ambientalismo como expressão de um projeto civilizatório multidimensional, de enorme riqueza sincrética. Em outras palavras, o ambientalismo tem demonstrado condições de desenvolver valores e conhecimentos que significam, mais que a acomodação e/ou tolerância às diferenças em prol do meio ambiente, a criação de meios sincréticos para uma ativa cooperação entre atores com interesses e valores diferentes e até contraditórios, tanto em relação à sociedade como à natureza.

IV. Finale: Adagio Lamentoso-Andante

Talvez o ambientalismo não seja o fim do “moderno”, mas tampouco nos parece um “fim” do moderno. Seu “desejo” é ser antigo sem deixar de ser moderno (ou ser fundamentalista e pós-

moderno ao mesmo tempo). Ele não quer divorciar o passado do futuro, senão ajudar a reconciliá-los. O ambientalismo não “esquece” que foram os modernos quem substituíram a ética pela conquista do “novo”, reduzindo a potencialidade evolutiva do homem a um mero exercício técnico de domínio das forças da natureza e da sociedade. Mas o próprio caráter global da modernidade torna impossível sairmos totalmente dela. Platão sugere claramente que os diversos aspectos que compõem a existência humana estão sempre em guerra uns com outros. Aceitar que hoje os “guerreiros não podem mais “fugir para a frente”, tornaria mais fácil aproximar a ética à política, a ciência à religião, a economia à ecologia, e os antigos aos modernos. Trazer alguns valores clássicos para a modernidade nos parece ser uma tarefa imprescindível (e “moderna”, isto é, com futuro). Embora aprofundar isto nos levaria para rumos que vão além dos objetivos desta breve comunicação, podemos concluir dizendo que gostaríamos muito de trazer para a *polis* moderna a *phylia* grega (entendida aqui como uma sociabilidade da hierarquia estabelecida por mérito).

BIBLIOGRAFIA

- BERMAN, Marshall. (1987) *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras.
- HABERMAS, Jürgen. (1987) *The Theory of Communicative Action* (Vol. II). Boston, Beacon Press.
- JASPERS, Karl. (1976) *The Origin and Goal of History*. Westport, Greenwood Press.
- LEIS, Héctor R. (1993) “Ambientalismo e Relações Internacionais”, *Lua Nova*, nº 31.
- SOROKIN, Pitirim (1960) *Las Filosofías Sociales de Nuestra Época de Crisis*. Madri, Aguilar.
- TOYNBEE, Arnold J. (1985) *Estudio de la Historia* (Vol. I). Barcelona, Planeta.